

SAUDADE E MELANCOLIA: OS ÚLTIMOS SUSPIROS DA “PRINCESA ENCANTADA DA QUIMERA”

SAUDADE AND MELANCHOLY: THE LAST SIGHS OF “PRINCESA ENCANTADA DA QUIMERA”

Priscilla Freitas de FARIAS*

Resumo: O fascínio que a vida e o suicídio de Florbela Espanca exerceram sobre as análises da sua obra contribuíram não só para a criação de “mitos”, mas para a própria construção da poeta enquanto autora, tornando-a uma das mais célebres poetisas portuguesas do século XX. Nesse artigo, não pretendo responder às problemáticas dos estudos do mundo crítico florbéliano, muito menos explicar o suicídio; mas, proponho analisar a invenção autoral de Florbela Espanca, a partir da análise do seu *Diário do Último Ano* (1930), artigos de jornais e críticas literárias. Assim, partindo do pressuposto teórico de Georges Vigarello (2016), proponho problematizar a relação do suicídio com o lugar de mulher/autora na sociedade portuguesa.

Palavras-chave: Florbela Espanca; Suicídio; Construção autoral.

Abstract: The fascination that the life and suicide of Florbela Espanca exerted on the analysis of her work contributed not only to the creation of "myths", but also to the construction of the poet as an author, making her one of the most famous Portuguese poets of the twentieth century. In this article, I do not intend to answer the problems of the critical Florbelian world studies, much less explain her suicide; but, I propose to analyze the authorial invention of Florbela Espanca, from the analysis of her *Diário do Último Ano* (1930), newspaper articles and literary criticism. Thus, based on the theoretical assumption of Georges Vigarello (2016), I propose to problematize the relationship of suicide with the place of woman/author in Portuguese society.

Keywords: Florbela Espanca; Suicide; Authorial construction.

Durante sua vida, a poesia de Florbela Espanca (1894-1930) passou praticamente despercebida. A “pessoa responsável” pelo seu reconhecimento póstumo foi o professor italiano Guido Battelli¹ que, não só tinha reconhecido o talento da poeta, mas havia se oferecido para tratar da publicação do último livro da poeta, intitulado *Charneca em Flor*. Na realidade, ao tentar chamar atenção da crítica para a poesia de Florbela, o maior triunfo de Battelli passou a ser paradoxalmente a própria morte da poeta, o que lhe permitiu construir uma imagem dramática de Florbela como artista romântica. Dessa forma, Guido Battelli acabou reforçando o mito acerca da poeta, afirmando que ela teria encontrado repouso na morte depois de uma vida atormentada.

Além disso, talvez, o fato mais significativo para a construção do mito em

* Doutoranda em História - Programa de Pós-graduação em História - Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza, CE - Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: priscillaffarias_@hotmail.com.

torno da poeta foi Battelli ter organizado o texto *In Memoriam* (ESPANCA, 1931, p. 66 – 73), publicado no posfácio da primeira edição do livro de *Charneca em Flor*, composto por fragmentos de cinco artigos que tinham sido escritos no intervalo entre a morte de Florbela, em dezembro de 1930, e a publicação de *Charneca em Flor*, em janeiro de 1931. O texto *In Memoriam* foi obviamente influenciado pela imagem que Battelli construiu para Florbela, a qual exaltava a luta travada na procura de um ideal inalcançável, interpretando a morte como o cume das suas aspirações. Assim, o texto *In Memoriam*, que fechou o volume póstumo, despertou a atenção e admiração do público, pelo fato de que a poeta, até então quase desconhecida, havia morrido tão jovem e de maneira tão trágica, que nem conseguira ter o prazer de ver o resultado final do seu livro.

Claro que a representação sombria era de fato uma imagem que Florbela tinha criado para si, presente, sobretudo, no *Livro de Mágoas*, no *Livro de Soror Saudade* e, posteriormente, no *Diário do Último Ano*. Este último, abriu a possibilidade de partilhar um testemunho do desespero humano que viveu. É possível compreender Florbela como um sujeito desamparado, imerso em um mundo que lhe confronta com dores e horrores, que vêm não só do corpo e do mundo exterior, mas, sobretudo, das relações humanas. Florbela viveu em uma sociedade que enfatizava a dominação masculina como parte estrutural da família patriarcal, unindo a sexualidade feminina à procriação e reservando à mulher a função materna, ao mesmo tempo que condicionava a mulher a viver à margem da sociedade, sem autonomia, muito menos liberdade para traçar seus próprios caminhos.

Nesse sentido, o *Diário de Último Ano* pode ser visto como um registro derradeiro de desabafo de Florbela para com o mundo (GRASHOFF, 2016), transparecendo sentimentos enternecidos e pensamentos de dor, como se avaliasse toda sua vida e sua solidão em parágrafos aleatórios: em luta com a mediocridade do tempo que a cercava. No *Diário do Último Ano* de Florbela, em suas palavras nada se concede, nada se elucida. O que se sabe é que a partir da imagem desamparada produzida pela própria Florbela, notadamente no *Diário do Último Ano*, seguido por seu suicídio, rendeu muitas interpretações nem sempre boas acerca de vida e obra. Ao longo dos vários estudos críticos produzidos acerca da poeta depois do seu suicídio, milhares de “Florbelas” nasceram e morreram sobre diferentes perspectivas e representações.

É importante ressaltar que o “boom” da produção de críticas literárias sobre Florbela Espanca está contextualizada Estado Novo² em Portugal, inspirado no

catolicismo social, baseada no lema “Deus, Pátria, Família” (TORGAL, 2009, p. 426), profundamente enraizada na ideia da família como célula vital da sociedade.

Segundo o raciocínio da Ditadura de Salazar, a família e os bons costumes asseguravam a regeneração e o bom funcionamento da sociedade, além de ser fonte de perpetuação da raça. Por isso, o casamento era a base principal, o alicerce da família, cuja finalidade era a procriação. Pode-se imaginar como Florbela era vista nessa sociedade, sendo uma mulher que havia se casado três vezes, com dois divorcios. Florbela também não teve filhos, pois sofreu dois abortos profundamente danosos e prejudiciais para sua saúde que, segundo dados biográficos contidos na edição do livro *Trocando Olhares de Florbela Espanca*, há quem diga que o segundo aborto foi causado por sífilis, outros dizem que foi rovocado por agressões do seu segundo marido (ESPANCA, 2009). No entanto, não se sabe se esses acontecimentos são mais uma calúnia inventada acerca da poeta, o que se sabe de fato é que Florbela era estéril e nunca pôde ter filhos, dessa forma, ao invés de desempenhar um papel da mãe consagrada ao seu lar, dedicou-se quase que exclusivamente a sua carreira de poeta. Assim, a partir de artigos de jonais e críticas literárias, proponho problematizar a relação do suicídio com o lugar de mulher/autora na sociedade portuguesa.

EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS: CARTA DE DESPEDIDA À VIDA POR FLORBELA ESPANCA (1930)

Florbela inaugura seu *Diário do Último Ano* (1930) exteriorizando que não tem nenhum intuito, objetivo e/ou fim pessoal para escrever aquelas linhas, mas, ao mesmo tempo, pede compreensão para aqueles que lerem suas palavras no futuro, o que demonstra de alguma forma que ela está registrando meticulosamente um pensamento para posterioridade. A temática da angústia é um elemento chave em toda obra florbeliana: a espera e o temor que algo venha a se realizar ou, talvez, o sentimento de ameaça perante a vida. A angústia é um mal-estar contínuo em sua obra e diretamente ligada ao físico e ao psíquico em sua vida. De fato, a relação com o tempo é a maior angústia trazida pela modernidade: “(...) o império do instantâneo suscitado pelos modernos meios tecnológicos tem por efeito um sentimento de perda inexorável, combatido por frenesi compulsivo no empenho de recuperar um presente que parece escapar-lhe”(DOSSE, 2003, p. 292). A subjetividade angustiada de Florbela e, em grande medida saudosista, luta contra a transitoriedade do mundo moderno, contra a efemeridade de todas as coisas, contra o passageiro e contra o caráter destrutivo do

tempo.

12 de janeiro de 1930.

Viver não é parar: é continuamente renascer. As cinzas não aquecem; as águas estagnadas cheiram mal. Bela! Bela!, não vale recordar o passado! O que tu foste, só tu o sabes: uma corajosa rapariga, sempre sincera para consigo mesma. E consola-te que esse pouco já é alguma coisa. Lembra-te que detestas os truques e os prestidigitadores. Não há na vida um só ato covarde, pois não? Então que mais queres num mundo em que toda a gente o é... mais ou menos? Honesta sem preconceitos, amorosa sem luxúria, casta sem formalidade, reta sem princípios e sempre viva, a palpitar de seiva quente como as flores selvagens da tua bárbara charmeça! (ESPANCA, 1981, pp. 8–9).

O tempo urgia e Florbela não se achava em canto nenhum, nem no lado profissional, nem no lado amoroso, os dias e anos passavam e ela se sentia cada vez mais velha e mais fragilizada, emparedada no caos de seus pensamentos. O passado lhe parecia tão belo, mas tão distante: passado apartado da menina feliz na sua terra alentejana, passado apartado da moça esbelta e cheia de vitalidade, um passado remoto e tão longínquo que ela mesma já não conseguia identificar a si próprio.

Parece que a memória, o pesar, traz à Florbela uma imagem de outrora, carregando-a de angústia. A angústia permeia Florbela pelo seu modo de existir e ver o mundo, de onde vem a dor, a inquietação, a morte como única forma de impedir essa angústia existencial. Florbela despreza o passado, um passado que provoca angústia, que só ressuscita mágoas, assim, ela se protege negando o passado conturbado, um passado marcado por crises e atravessado por tristezas.

A angústia não é uma característica presente apenas na obra de Florbela Espanca, mas está presente em grande parte dos autores entre a segunda metade do século XIX até meados do século XX. O tema da angústia, tão constante na obra de Florbela Espanca, também é um elemento marcante nas obras de autores que influenciaram profundamente a obra e o estilo da poeta como, por exemplo, António Nobre³, assim como Mário de Sá-Carneiro⁴, Antero de Quental⁵, Mario Beirão⁶, Américo Durão⁷ e Teixeira de Pascoaes⁸ entre outros. Um dos pontos comuns é o tom confessional dos versos, ligados à temática do pessimismo, da mágoa, da dor existencial, da ânsia pela morte e pelo não ser. Na realidade, os dois poetas que mais se encontram presentes no tecido intertextual dos sonetos são Antônio Nobre, explicitamente evocado como par na solidão, Antero de Quental e Mário de Sá-Carneiro.

Seguramente, a obra de Florbela Espanca teve confluências de vários autores e correntes literárias que circulavam na sociedade que viveu; no entanto, sua poesia se

mostra sempre fiel ao próprio sentimento: o sentimento da existência, da consciência de si e da identidade individual que, paulatinamente, essa construção do “eu” imersa nas sensações, nas desordens e nos transtornos internos (VIGARELLO, 2016). Tal fato tornou-se central em sua obra, percorrendo uma estilística muito própria como única condição de compreender melhor a si e algumas características céticas do seu tempo.

19 de fevereiro de 1930.

Que me importa a estima dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a mediocridade do mundo se Eu sou Eu? Que importa o desalento da vida se há morte? Com tantas riquezas porque sentir-me pobre? E os meus versos e a minha alma, e os meus sonhos, e os montes e as rosas e a canção dos sapos nas ervas úmidas e a minha chameca alentejana e os olivais vestidos de Gata Borradeira e os assombros dos crepúsculos e o murmúrio das noites... então isto não é nada? Napoleão de saias, que impérios desejas? Que mundo queres conquistar? Estás, decididamente, atacada de delírio de grandezas!...(ESPANCA, 1981, p. 17)

Florbela traz a morte como resolução das agruras da vida. A poeta falar em plena crise subjetiva, assim como muitos sujeitos desse período, que foram completamente afetados e invadidos pela velocidade das mudanças sociais, de comportamentos e de sentimentos. Parece estar perdida entre os modelos de mulher antigos, modelos ultrapassados, e os modelos de mulher que ainda não estavam por todo legitimados. Essa sensação de fragmentação e perda de um eu organizado se manifesta em toda a geração contemporânea à Florbela, o que provocou não só uma disseminação do mal-estar entre os sujeitos, mas, sobretudo, a entrega ao suicídio.

Florbela trazia consigo muitas características do espírito moderno desse período. Sua liberdade em relação à moral e à falta de disciplina referente às regras foram, sem dúvidas, as mais escandalosas para a sociedade portuguesa tradicionalista. Desse sujeito moderno, Florbela trazia o pessimismo, mas, por outro lado, a curiosidade como um grande estímulo para sua existência, pois se dedicou quase que exclusivamente à arte e às letras; a poeta também se revestiu na incapacidade para o amor e suscetibilidade para a doença física e mental tão comuns naquele período. Certamente, esse mundo moderno confuso e desordenado produziu uma subjetividade marcada por um frágil sentido do existencial em Florbela.

Florbela foi antes uma inconformada com a vida, ela queria a perfeição e, por isso frustrou-se, pois o sonho, o ideal não se realizou, daí a saudade do sonho, da perfeição e do passado feliz de sua juventude. A angústia é uma resposta ao estado de impotência, impossibilidade, sem nem mesmo saber de onde vêm suas dores e

frustrações. Tomada pela melancolia, Florbela mergulha no mais profundo desprazer, e a sua angústia não é nada mais que o desmoronamento de si, do seu ego: “Não tenho forças, não tenho energia, não tenho coragem para nada. Sinto-me afundar. Sou o ramo de salgueiro que se inclina e diz sim a todos os ventos” (ESPANCA, 1981, p. 20).

A vida adquire tons cinzentos, a essa altura, Florbela já não acreditava mais nas possibilidades, muito menos no amor. Enquanto isso, amargurada, Florbela devaneava em pensamentos e desabafava escrevendo no seu diário pessoal. “Não, não e não!” (ESPANCA, 1981, p. 23). Ela negava aceitar aquela vida, repelia com desprezo aquela realidade. A melancolia e a solidão profunda encontram única saída para curar a dor, suplica que a morte feche os olhos, como um último suspiro: “A morte definitiva ou a morte transfiguradora? Mas o que importa o que está para além? Seja como for, será melhor que o mundo! Tudo será melhor que esta vida.” (ESPANCA, 1981, p. 23-24). A morte surge como um alívio para uma angústia insuportável, a de não conseguir conviver com as sombras. Parece-nos que a morte é o único meio capaz de curar todas as feridas.

Frustrada, vazia e solitária no presente que a devorava, Florbela escreveu sua última linha no diário, 6 dias antes de se suicidar: “E não haver [sic] gestos novos nem palavras novas.” (ESPANCA, 1981, p. 25). Talvez esse trecho reflita a expressão máxima do estado de alma da autora: o amor impossível, a queda de um sonho, o sofrimento e a morte. Quanto tudo se esgotou, a arte de amar e de criar, a vida se esvaziou de sentidos, ela não sabia o que queria, nem para onde iria, entregando-se eternamente ao silêncio da morte. Último instante, toda vida sobre os olhos: despedida do mundo com palavras carregadas de significados, tentando fazer da sua morte prematura um caso exemplar para toda uma geração.

Podemos dizer, se formos usar os termos da época, que Florbela vivia fragilizada, debilitada e açoitada por uma doença que se agravava dia após dia e nenhum médico conseguia diagnosticar: o pessimismo, a descrença e a melancolia. Como muitos sujeitos que viveram nesse período na sociedade portuguesa, Florbela parecia se deixar consumir pela neurose. Faltava-lhe força e vontade de viver, essa debilidade prejudicava a si mesma, causando-lhe uma decadência de si, uma espécie de autodestruição.

Estou magra como um junco, sem forças, neurastenizada e insuportável. Tenho corrido em vão a todos os médicos, feito radiografias de tudo quanto é possível radiografar-se, análises de tudo quanto é possível analisar-se e... ninguém sabe o que me mata pouco a pouco. A alma, talvez; a eterna história da lâmina corroendo a bainha (...) Sou uma inválida, uma exilada da vida. O que mais me tortura são as teimosas

insônias em séries de quatro noites, só consigo dormir com Veronal ou qualquer outra droga. (DAL FARRA, 2002, p. 287).⁹

Florbela passou parte da sua vida lutando contra um enorme ermo que não sabia de onde vinha, lutando contra uma perturbação mental e contra crises de depressão, porque suas ações e seus escritos expressavam uma liberdade incompatível com certos ditames morais de sua época. Possuía uma personalidade que tendia para a não observância das regras, nem limites que a freasse. Ela não se submeteu à moral, foi uma mulher descrente de qualquer explicação metafísica. Pensando com Nietzsche, poderíamos afirmar que a ruptura com as regras da moral tradicional em Florbela explicaria não só sua vontade de nada, mas sua vontade de autodestruição através do uso constante de pesados soníferos e de três tentativas de suicídio, até sucumbir a terceira delas. Doente do corpo e da alma, parece-me que Florbela não achava consolo para tamanho mal.

Após tanta luta contra os juízos morais e os valores de seu tempo, após ter sido apontada pela sociedade como transgressora devido a seus atos de insubordinação aos códigos sociais, como ela própria se construiu e, certamente, como ela queria ser vista — rebelde, diferente e inconformada —, Florbela tomba, desfalece, já não tem forças para lutar contra a maré, já não vê nenhum sentido na existência, como se tudo fosse em vão, sem fim e sem objetivo. A descrença e a falta de esperança são as palavras chaves para descrever o seu descontentamento para com a vida. Estava emparedada no devir da sua própria história, o que a levou ao niilismo, ela nada esperava do e no tempo. O niilismo é um dos componentes da subjetividade de Florbela que a fez voltar-se contra si própria. Parece que Florbela ficou obcecada por esse nada, por esse ermo que emergia da sua existência, construindo toda sua poesia em cima dos sentimentos de melancolia: morte, amor frustrado e saudade. Parece que a incerteza de uma crença ou a falta de uma interpretação para o mundo causava-lhe dor e, conseqüentemente, provocando-lhe uma nostalgia de algo indefinível.

Florbela envervou na melancólica da perda da sua juventude e de um passado áureo, passou toda sua vida sofrendo a magoa e o delírio de um sonho nunca realizado que a definhou paulatinamente ao longo da sua vida. Assim, cansada de correr atrás de mundos de sonhos — tombados, renegados, aniquilados pelo desejo de morte —, a poeta não resistiu às pressões externas, não suportou a violência simbólica da sociedade e terminou por desembocar na negação total de valores e da vida, entregando-se à morte. Aliás, a morte fazia parte do jogo individualista na medida em que o “eu” define seu fim.

Os percalços da sua vida produziram tão forte abalo em Florbela que jamais deixou de recorrer aos remédios para dormir, que foram determinantes não só para a recaída da sua saúde e equilíbrio mental, mas, sobretudo, fatais para sua vida. A morte deve ter sido para Florbela a última reticência de uma poesia que escreveu e nunca ninguém leu, assim como a vida foi para ela uma reticência do sonho que, talvez, nunca viveu.

CONSTRUÇÕES NARRATIVAS ACERCA DO SUICÍDIO DE FLORBELA ESPANCA

Para infelicidade de sua vida terrena, mas reconhecimento do seu nome e da poesia portuguesa, Florbela viveu a fundo os estados: quer de exaltação, quer de depressão, quer de concentração de si mesma. Florbela Espanca foi durante muitos anos “tabu” para alguns de seus contemporâneos, dada como “escândalo público”, “mulher adúltera”, “indigna” e tudo mais que a imaginação retrógrada e limitada das mulheres e homens da sua época lhe quiseram atribuir. Muitos críticos literários acreditavam que a morte de Florbela da D’Alma Conceição Lobo Espanca já estava premeditada e anunciada desde o dia em que perdeu o interesse pela vida. Sabe-se lá em que altura de sua vida isso sucedeu. Supõe-se que depois da morte do seu irmão, Apeles Espanca, em 1927, quando Florbela se fecha em um autoexílio habitado pela saudade, pelo luto e pela melancolia. De acordo com uma matéria de autor desconhecido, publicada em 1983, no jornal O Globo, aconteceu o seguinte:

Em 1927, de novo, em Lisboa passa dois dias com o irmão Apeles. Estava-se a 4 de Junho. A 6 do mesmo mês, dois dias depois de ter passado com Florbela dois dias, morre Apeles Espanca, irmão de Florbela, na queda do hidroavião que tripulava e que despenhou no Tejo em frente de porto Brandão.

Jaz no cemitério de Matosinhos para onde Florbela o levará.

Fala-se em suicídio. Há cartas, desesperadas que escreve à irmã dizendo que se iria matar. O irmão era piloto de aviação, e também da Marinha como era hábito na época. Consta que era volúvel. Que tinha uma rapariga em cada porto.

Por fim, apaixona-se por uma rapariga que vem a morrer de doença. Seria essa a razão do suicídio.

Este facto, afectou [sic] a vida de Florbela. A partir daí nunca mais consegue dormir sem calmantes. Nunca mais quis falar com ninguém. Morreu para o Mundo. Fazia questão de isolar-se e sofrer o seu desgosto.

É a morte do irmão que pela primeira vez, a leva a escrever prosa. Florbela faz, então, uma série de contos, aos quais chamou << Máscaras do Destino >>, que fazem parte deste seu espólio (em poder de Rui Guedes) manuscritos em folhas dum velhíssimo livre de rol de mercearia. (A VIDA, 1983).

Desde então, a poeta permaneceu à espera até os últimos dias da sua vida: à espera da felicidade, à espera de um amor, à espera de reconhecimento como poeta-mulher, à espera de algo que sempre acabava em fracasso. As cartas remetidas por Florbela Espanca, nos últimos 3 anos de sua vida, revelam seu estado de saúde agravado: cansada, debilitada e muito nervosa. Em 29 de agosto de 1928, foi receitada a descansar em um Hotel de Seixoso, Lixa, pois teria sido examinada por um especialista que a diagnosticou um estado de grande irritação, inquietação e perturbação do sistema nervoso, causando-lhe febres constantemente. Como já foi citado, o jornal *O Globo*, de Lisboa, publica um artigo de autor desconhecido em 1983, tentando traçar os últimos momentos de Florbela Espanca:

Em Junho de 1930, foi à Lisboa, visitar sua amiga Maria Amélia Teixeira, diretora da Revista <<Portugal feminino>>.

Em 18 de Junho, escreve a Guido Batelli a quem agradece a tradução dos seus versos e envia-lhe um retrato seu. Com ele trocou correspondência até morrer. A 19 de Junho, vai para Évora onde fica até 27 do mesmo mês.

Três dias depois volta ao Porto.

A 5 de Julho escreve ao doutor Guido Batelli em carta:

<<... Só consigo dormir com Veronal ou qualquer outra droga parecida. Sou uma inválida, uma exilada da vida...>>

A 10 de Junho escreve de novo a Guido Batelli:

<<...diz bem. Os médicos não sabem o que dizem. Nervos, nervos Não sabem outra coisa; e um ou outro de disposição mais prazenteira, diz que eu tenho teias de aranha nos miolos. >>

A 27 de Julho em carta ao dr. Guido Batelli:

<<... De mim ninguém gosta. De mim nunca ninguém gostou >>

Ainda em Agosto de novo escreve a Batelli:

<<... nada me chega, nada me convence. Nada me enche. A morte, talvez... esse infinito, esse total e profundo repouso. Tenho imensa pena de não lhe poder dizer, com verdade que sou feliz...>>

A 12 de Agosto volta a escrever:

<<... Eu não peço à vida nada que ela não tivesse prometido e detesto-a e desdenho-a porque não soube cumprir nenhuma das suas promessas em que, ingenuamente, acreditei porque me mentiu, porque me traiu sempre...>>

Em 21 de Agosto volta a escrever-lhe:

<<... o destrambelhamento dos nervos não me deixa viver em paz como sabe viver a outra gente. Tenho feito versos. Muitos versos, nunca fiz tantos nem tão bons, talvez. Mando-lhe o último, feito, onde, durante uma teimosa insónia que apenas cedeu a grama e meia de Veronal...>>

E a 26 de Agosto nova carta:

<<... eu quero desaprender, quero não saber ler, nem escrever a minha própria língua, eu sei lá o que queria!>>. (A VIDA, 1983).

Depois de mais de meio século, autores continuavam interessados em justificar e/ou desvendar o suicídio de Florbela que, notadamente, foi um caso mal explicado para o público e, por isso, atraiu tanta curiosidade e atenção. Florbela teria se suicidado ou não? Na biografia produzida acerca de Florbela Espanca, especula-se que ela tentou se suicidar duas vezes entre outubro e novembro de 1930, no entanto, não se fala como e quando ocorreu exatamente, muito menos não há nenhum registro e/ou documento sobre essas primeiras tentativas de suicídio. Confirmam-se essas informações tomando como base o padre José Maria Sardo, estudioso de Florbela, no entanto, eu investiguei a respeito, mas também não encontrei nenhum trabalho dele sobre o suicídio, nem se quer, sobre Florbela. Sabe-se apenas que não resistiu à última tentativa de suicídio, pois seu corpo estava bastante fragilizado, não suportando a mutilação causada pelos fortes remédios terapêuticos:

E a 6 de Outubro:

<<... um médico especialista diagnosticou uma apendicite que terá de ser operada quando o meu estado geral o permitir. A morte pode vir quando quiser: trago as mãos cheias de rosas e o coração em festa: posso partir contente...>>

E a 14 de Outubro:

<<... Não ligo assim uma grande importância por aí além a essa coisa complicadíssima a que se chama vida...>>

Em Novembro, Florbela, revê algumas provas do seu livro <<Charneca em Flor>>.

E a 11 de Novembro volta a escrever a Guido Batelli:

<<... eu não posso, viverei com certeza um terço do que poderia viver porque todas as pedras me derem todos os espinhos me laceram...>>

<<... Trago às costas o peso de uma floresta inteira sem saber porquê nem para quê, caminho sem saber donde vim nem para onde vou...>> (A VIDA, 1983).

Estaria Florbela premeditando seu próprio suicídio? Ninguém, jamais, poderá afirmar tal incidência, apenas suposições. Fala-se que, na noite em que Florbela viria a se suicidar, um dia antes do seu aniversário, pediu para não ser incomodada e, na manhã seguinte, foi encontrada morta em cima de sua cama na casa onde morava com seu terceiro marido, Mario Pereira Lage, em Matosinhos, onde chorou a morte do seu irmão, Apeles Espanca (1897-1927); onde ruminou a dor de viver, escrevendo seu *Diário do Último Ano* e o livro *Charneca em Flor* que jamais viria a publicar em vida. De certo, quando resolveu tomar os dois frascos de soníferos (Veronal), estava apenas encerrando um processo de abandono de si mesma; sua autoestima debilitada chegou ao limite da busca de uma relativa harmonia entre sua subjetividade e a hipocrisia que alastrava sua vida social. A poeta optou por uma saída discreta, ingerindo uma dose letal

do que já usava para dormir, pois era acometida por uma insônia desde a morte de seu irmão Apeles Espanca, em 1927, preferindo deixar o corpo intacto, adormecendo na eternidade com uma overdose de barbitúricos.

Foi, então, numa manhã de inverno rigoroso em Portugal, no mesmo dia em que a terra a viu nascer, no dia em que supostamente comemoraria seu 36º aniversário, no dia 8 de dezembro de 1930, Florbela foi encontrada morta na sua cama com dois fracos de Veronal vazios. Veronal é o nome comercial do primeiro sedativo e sonífero, pertencente ao grupo dos barbitúricos, que foi introduzido no mercado no início de século XX, o qual Florbela tinha acesso através do próprio marido que era médico e, certamente, receitava à poeta mesmo sabendo que ela sofria de uma neurose crônica e já tinha histórico de suicídio.

A causa da morte foi diagnosticada como uma overdose de barbitúricos, no entanto, foi registrada na certidão de óbito de Florbela como “edema pulmonar”(DAL FARRA, 2002, pp. 63-64), o que me parece mais uma tentativa de silenciar o caso de suicídio da autora. O fato é que, na opinião determinante dos críticos da obra florbeliana já citados, o desejo da poeta de morrer está claramente expresso em toda sua produção devido ao modo como aborda constantemente a temática da morte. Todavia, a causa da morte de Florbela Espanca tem sido uma controvérsia para vários dos seus biógrafos, cujas opiniões se dividem entre aqueles que argumentam o suicídio premeditado e outros que apontam para o fato de se tratar de um acidente ou, simplesmente, do culminar das doenças que afetavam a poeta. Mas, até hoje, existem muitos mistérios, rumores e mitos em torno do suicídio da poeta, talvez, pela própria reação da família em querer esconder com o intuito de “preservar” a imagem de Florbela diante de uma sociedade moralista, o que causou mais curiosidades e, conseqüentemente, abriu lacunas para as mais variadas interpretações em torno do fato.

Ruy Guedes e Agustina Bessa Luís, por exemplo, argumentaram que a morte de Florbela teria sido causada por um suicídio premeditado. O primeiro sugere que os sonetos inéditos de Florbela Espanca, encontrados por ele, revelam que o estado de espírito atormentado a teria levado ao suicídio premeditado, sugerindo várias hipóteses: ora um aborto que teria sofrido, fruto do seu segundo marido; ora que Florbela estava apaixonada pelo irmão, Apeles; ora que teria suicidado no dia do seu casamento com o primeiro marido (ESPÓLIO, 1983, p. 11). Já a última sugere que Florbela teria se suicidado por estar novamente apaixonada, provavelmente por Ângelo César, a quem dedicou suas últimas poesias, como “Quem sabe?”. Por fim, levanta a hipótese de que o

seu suicídio foi premeditado por ser exatamente no dia do seu aniversário, o mesmo dia do seu funeral. (BESSA-LUÍS, [19??], p. 171).

Por outro lado, ao escrever sobre o suicídio de Florbela Espanca em “Suicídios famosos em Portugal”, José de Brandão (BRANDÃO, 2007) argumentou que a associação do remédio com o tabaco pode ter ajudado a acelerar a sua morte natural, visto que os remédios Veronal eram extremamente nocivos para doentes pulmonares ou cardíacos, era o caso de Florbela que fumava constantemente. Mas não deixa de chamar atenção para o fato de Florbela ter sido encontrada com dois frascos de Veronal vazios embaixo da sua cama, não descartando a possibilidade do suicídio da autora.

Outro depoimento que reforça a ideia de Florbela ter premeditado o suicídio foi publicado no “Caderno de Cultura” em um jornal não identificado, pertencente ao Arquivo Histórico de Túlío Espanca, que só inteira o recorte do artigo, datado 20 de abril de 1986, no qual Aurora Jardim, jornalista e escritora, que havia conhecido Florbela há pouco tempo, fala sobre o encontro com a poeta em sua própria casa em Matosinhos, em um dos seus derradeiros momentos antes do suicídio:

... ia a começar a descer as escadas para o primeiro andar, saindo da salinha forrada a cretones, em que ela tinha o seu escritório e lugar longe da família Laje. Florbela chamou-me a atenção para uma pequena mesa, abriu a gaveta e vi que lá dentro havia um tubo de comprimidos. Creio que de Verenol ou coisa assim. Disse-me então: Com isto é que eu me hei-de matar. Evidentemente que não acreditei. Aliás, acabava de conhecê-la. Devo ter-lhe dito algo como: Não seja tola. Nessa tarde tinha lá ido tomar chá. Havíamos sido apresentadas, a seu pedido, por uma amiga comum e, na circunstância, como eu também doente do Dr. Mário Laje. Chamava-se Pauline Courteille, era francesa. Recordo-me que Florbela me chamava de Príncipe de Olhos Atlânticos. Era poeta a Florbela. Pena que as cartas que me escreveu se tivessem irremediavelmente perdido numa mudança de casa. Bem, mas dois ou três dias depois do que lhe acabado de contar, e se passou em casa dos Laje, na Rua 1º de Dezembro, em Matosinhos, fui com o meu marido a Lisboa. Estávamos a almoçar na messe da Marinha, no Arsenal, quando me chamaram ao telefone. Deixara os filhos no Porto e fiquei preocupada. Era o dr. Mário Lage a dizer que Florbela estava a morrer. 7 de Dezembro de 1930, às 22horas, sucumbiria aquela que escreveu De mim ninguém gosta, de mim nunca ninguém gostou. Aurora Jardim, jornalista e escritora, assim me contou a sua relação com a autora de charneca em Flor. Aliás, a 7 de janeiro do ano de 1931, no Jomal de Notícias, de que foi redactora [sic] e ainda hoje é atenta cronista, publicava: Faz hoje um mês que o telefone, na voz metaliza e indiferente, me disse em Lisboa: “A Florbela está a morrer.”. (MOUTINHO, 1986)

Mário Lage, o terceiro marido de Florbela, por sua vez, divulgou imediatamente entre alguns amigos íntimos a verdade sobre o suicídio em que, de resto,

era fácil de acreditar dadas as alusões em sonetos e cartas, e ainda as anteriores tentativas de suicídio que, aparentemente, era do conhecimento de várias pessoas segundo o padre José Maria Sardo, estudioso de Florbela. Até onde se sabe, Florbela não deixou nenhuma carta de despedida de modo a “justificar” o ato do suicídio ou, pelo menos, tem se negado o conhecimento da existência do documento por parte da família. No entanto, fala-se que a poeta teria deixado uma carta confidencial para a família com suas últimas disposições, entre elas, o pedido de colocar no seu caixão os restos do avião pilotado por Apeles quando sofreu o acidente, que foram encontrados no rio Tejo:

Nas vésperas de morrer, Florbela desabafa às amigas que se suicida no dia do seu aniversário por considerar ser a melhor prenda que poderia dar a si próprio, mas ninguém a leva a sério. Escreve também as suas últimas disposições deixando às amigas as suas coisas mais queridas, pedindo para levar consigo no caixão os fragmentos que possuía dos destroços do avião de seu irmão Apeles e pedindo para ir coberta de flores.

(...)

As suas últimas vontades, em carta para o marido, foram encontradas numa gaveta de Mário Lage, por debaixo da sua roupa interior. Por conveniência de horário de enterro, a hora da morte foi calculada para as 22h da noite anterior. (Depoimento de Milburgês Ferreira ao autor, originado nas declarações que o próprio Mário Lage lhe fez, pedindo segredo) Helena Calás Lopes, concunhada de Miburgês, que chegara neste dia, está presente em casa a toda a tragédia e também confirma os depoimentos de Mário Lage, da criada, e lê as últimas disposições de Florbela. É ela que veste e penteia Florbela, que com bastante dificuldade consegue arranjar tantas flores para o caixão da poetisa e lhe coloca no caixão os fragmentos metálicos do flutuador do hidroavião em que Apeles morrera. (DOSSIER, 1983, p. 15)

Na versão “oficial”, digo, no atestado de óbito, Florbela Espanca morreu de “edema pulmonar”, às 22 horas, no dia 7 de dezembro, na sua residência na Rua 1º de Dezembro em Matosinhos, segundo o registo nº 950 da conservatória do registo civil de matosinhos (DOSSIER, 1983, p. 15). Por mais estranho que possa parecer, a certidão de óbito não é passada com base em declaração de um médico, mas por um carpinteiro, o sr. Manuel Alves de Sousa. Nesse mesmo artigo da citação acima, afirma que esse suicídio correspondia à 3ª tentativa de Florbela Espanca, tomando como base o estudo de padre José Maria Sardo, o qual não encontrei nenhum trabalho dele sobre o suicídio, nem sequer sobre Florbela. De fato, até hoje não encontrei nenhuma biografia de Florbela Espanca que descrevesse com mais detalhes sobre essas duas tentativas de suicídio anteriores a sua morte.

O seu enterro foi uma cerimônia simples, discreta e rápida, até porque foi

realizada antes do tempo previsto de 24 horas depois da morte. Poucos viram passar e/ou acompanharam a urna. Os jornais deram em breve linhas a notícia da sua morte, sem muitos detalhes, sem muitos alarmes, o que, talvez, atraiu a curiosidade dos leitores pela falta de informação acerca do falecimento da poeta. Após um mês do ocorrido, a poeta e jornalista, Aurora Jardim Aranha, amiga de Florbela, publicou uma nota concisa na revista *Modas e Bordados: vida feminina*, a qual Florbela era colaboradora, expondo nada diferente daquilo que outros jornais já não tivessem dito, os quais se referiam à Florbela Espanca a partir de imagem de sofrida e de magoada, como quem justificasse ou pedisse compaixão pelo fim da alma sacrificada.

A morte levou consigo há quase um mez [sic], um alto talento de poesia no frágil invólucro duma mulher inteligente e sensível. Florbela Espanca sentia e sofria; os seus versos de que destaco um maravilhoso soneto, eram feitos da mágoa e a ânsia, de claridade e lágrima. (ARANHA, 1931, p. 6).

Em linhas curtas, porém expressivas, Aurora Jardim Aranha retrata Florbela como uma mulher malfadada, vulnerável e conturbada, que carregava consigo não só o lamento e a tristeza, mas também a desilusão e uma imensurável solidão. Repete-se constantemente a imagem que Florbela viveu uma vida resignada a uma dor, que se sentia uma mulher infeliz, o que na opinião dos críticos explicaria o fim trágico da poeta. Por esses motivos, ela teria sido uma mulher incompleta? Isso justificaria ela ter sido uma mulher infeliz e por isso se suicidou? Acho improvável, mas Florbela teatralizou essa dor nos seus versos e, por isso, deu margem à interpretação. No entanto, não seria essa uma visão um tanto precipitada da vida de Florbela Espanca, segundo preceitos morais desses escritores? O julgamento da vida de Florbela a partir da moralidade não é algo totalmente desconhecido, por isso que esse trabalho se faz relevante não só na construção de Florbela enquanto autora após o suicídio, mas também na desconstrução da visão de que Florbela passou toda a vida sofrendo a mágoa e o delírio de um sonho nunca realizado, causando-lhe um cruel martírio que a definiu até a morte.

Florbela Espanca foi depositada no jazigo de Josefina Sant' Ana Pereira Lage, mãe de Mário Lage, na 3ª secção do cemitério de Sendim (DOSSIÊ, 1985), em Matosinhos, onde repousou por alguns anos até que, posteriormente, seus restos mortais foram desterrados e trasladados para Vila Viçosa, sua terra natal, em 1964. Nesse período, os movimentos de homenagens à memória de Florbela Espanca ganharam uma dimensão maior, substituindo o que em tempos atrás se fazia timidamente, por vezes quase a medo. Ao mesmo tempo que se intensificaram as publicações de consagração à

Florbela, retomaram os questionamentos sobre a morte da autora.

O regresso de Florbela ao seu berço, coroada de <<rainha>>, como aquela que depois de morta foi soberana, por vontade de um rei de Portugal, permitiu o esclarecimento de muita coisa, além de ter dado uma ampla contribuição para as homenagens públicas devidas à memória da genial artista. Uma das mais comoventes revelações é a que dissipa o boato insidiosamente propalado de que Florbela se suicidou: seu viúvo, dr. Mário Laje, entendendo que as paixões se haviam acalmado, resolveu levantar o véu do <<mistério>> da morte da poetisa, que, devido aos seus males morais e físicos, e mais a estes do que àqueles, esteve 48 horas em coma e quando se extinguiu pesava 20 quilos. (A. F., 1964, pp. 1-3-5)

Percebe-se que, nesse artigo, publicado no *Diário de Lisboa*, em 8 outubro de 1964, baseado no depoimento do último marido de Florbela Espanca, o médico Mário Lage, uma nova versão sobre a morte de Florbela Espanca vem à tona. A versão não só nega os “boatos” de suicídio de Florbela Espanca, como afirma que ela teria entrado em coma dia 6 de dezembro de 1930, por causa não especificada e só dois dias depois que veio a óbito. Parece que, não só a causa, mas a hora e o dia da morte da poeta continuaram um enigma na biografia de Florbela Espanca. Flório F. Oliveira, em um artigo intitulado “Em que dia morreu Florbela Espanca”, publicado em 1951 no jornal *Notícias d’Evora*, problematiza não só a hora, mas a data da morte de Florbela, abrindo mais uma discussão em torno da vida da poeta:

Na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, em publicação, encontramos, na respectiva notícia biográfica, esta referência - <<Poetisa, de seu nome completo Florbela de Alma da Conceição Espanca, n. em Vila Viçosa no dia 8-XII-1895, e m. em Matosinhos na noite de 7 para 8-XII-1930>>, sendo de notar aqui o incompreensível lapso quanto ao ano do nascimento.

Pelas transcrições acima, verifica-se que os autores citados são unânimes no emprego da expressão <<na noite de 7 para 8>>, completando e precisando, até, um deles, Costa Leão, a informação com a referência á [sic] hora em que se verificou o acontecimento - <<duas da madrugada>>. Más, pois, concordância entre os citados autores e todos eles estão em manifesto desacordo com o Senhor Dr. Celestino David, o único que mencionou o dia sete. (OLIVEIRA, 1951, pp. 1-2).

A expressão “na noite de 7 para 8” é uma maneira comum de se dizer para efeitos de definição do momento sujeito a registro civil ou histórico e, portanto, a expressão do dia 8 é justificada pela circunstância de que é o dia civil do espaço de tempo compreendido entre 24 horas, visto que sua contagem começa precisamente às zero horas e um segundo, isto é, um segundo depois da meia noite. Dessa forma, quando se diz “na noite de 7 para 8”, significa que o acontecimento se confirmou depois da

meia noite (0 horas) do dia 7 e, portanto, já no decurso do dia 8. É considerada a referida expressão, tal como foi interpretada em paralelo à referência de Costa Leão, autor da enciclopédia. Além disso, verifica-se que a maioria dos autores concordam que Florbela Espanca faleceu, de fato, no dia 8 de dezembro.

Sucede que, nesse período, a prova histórica era eminentemente documental, entendendo-se documento na sua mais larga acepção e, sendo assim, no que respeita ao fato em questão, para efeitos históricos, importava-se considerar especialmente o seu registro, isto é, a declaração que consta do registro civil. Se a declaração corresponde ou não à “verdade” dos fatos, isto já não interessava aos escritores, salvo, evidentemente, a prova documental autêntica da falsidade da declaração ou da irregularidade do seu registro. Sendo esse o caso, dando o crédito à hipótese que Florbela Espanca faleceu, de fato, no dia 7 de dezembro e não a 8, são corretos os dados mencionados na obra do autor Celestino Davis¹⁰, no entanto, sua fonte de informação foi ignorada.

Em contrapartida, prescrevendo a lei que nenhum cadáver deve ser sepultado antes das decorridas 24 horas sobre o fato da morte, não se compreende como poderia o Prof. Guido Battelli, que acompanhou até os últimos momentos da poeta através de cartas, reportar a ocorrência do falecimento ao mesmo dia em que se realizou o funeral – dia 8 de dezembro. Isto é, talvez, de estranhar. Teria ocorrido alguma circunstância prematura de decomposição do corpo que impedisse a realização do funeral após o decurso do prazo legal. Acredito que, dificilmente, esta hipótese poderia ser admitida, dado que a retroação não teria ido ao começo do prazo de 24 horas legais, o que teria determinado a delimitação, não das 24 horas legais, mas sim, pelo menos, a das 17 horas do dia 7.

Nessa forma, oficialmente, até que prove o contrário, Florbela Espanca faleceu em Matozinhos às 22 horas do dia 7 de dezembro de 1930, embora se reconheça que, dada a variedade e a divergência de opiniões sobre a data do falecimento da poeta, as dúvidas nunca ficarão completamente esclarecidas. No entanto, a data de 8 de dezembro foi eleita simbolicamente para representar simultaneamente o nascimento e a morte da poeta, numa circularidade que é finalizada, pela morte voluntária, a desgraça de ter nascido, fazendo coincidir no calendário essas divisas de uma existência atormentada.

A personalidade e a obra de Florbela Espanca comportam contradições que estão longe de decifração definitiva. Por um lado, penso que não só os mistérios de sua vida, assim como as sombras de sua dor, alimentam as mais variadas interpretações acerca da poeta; por outro lado, não me parece de grande utilidade tentar desvendar as

indagações acerca de Florbela. Essa procura por Florbela Espanca foi percorrida por vários críticos, em destaque os estudos de: José Régio, Jorge Sena, Celestino David, Guido Battelli, Agustina Bessa Luís, Natália Correia e, mais recentemente, Maria Lúcia Dal Farra. Estudos que, notadamente, cercam Florbela de admiração e de estima, resgatando Florbela da “má” fama em que foi rotulada. Com base em um extrato de uma série de crônicas proferidas pela autora Hortense Pereira de Almeida no microfone da emissora “Voz de Lisboa”, foi publicado um artigo no jornal *Democratas do Sul*, em 1940, que refutava críticas negativas acerca de Florbela, mesmo depois de dez anos da sua morte:

A alma humana, tem meandros indecifráveis, é um oceano revoltado e insondável, com os seus inevitáveis e constantes fluxos e refluxos. Ora vejamos:

Alí, a serenidade, o cansaço, o desdém pela existência, aqui, a impetuosidade, a excitação, a mocidade pedindo o seu tributo à vida. O que nos prova os emaranhados recônditos duma alma, ora febril, dinâmica, pujante de seiva, ora abatida, dolorida, sonhadora...

Foram estes choques, estes contrastes dum temperamento essencialmente feminino que a levaram a uma morte prematura.

De há muito Florbela ansiava pelo fim da existência, numa febre alucinada. Sedenta de esquecimento, de descanso, de renúncia, vê no túmulo o lenitivo, o bálsamo consolador de infinitas mágoas. E, piedosamente, pede à morte, a arrebate para sempre da vida, a leve para o inigualável esquecimento do sepulcro, na indiferença perpétua pela sociedade que não coube auscultar a sua grande alma, o seu grande coração de sonhadora, a sua vasta concepção artística:

Florbela Lobo de Alma Espanca, repousa para sempre no frio leito da Morte mas, isso não obsta, a que a malevolência deixe de velar, pretendendo empanar o brilhos da auréola que envolve prestigiosamente a figura sagrada da poetisa.

Na hora amarga em que o nome de Florbela Espanca, arrastado por mãos impiedosas volteja no mar revoltado de calúnia, urge que nós, os seus acérrimos admiradores, ergamos bem alto o nosso protesto como testemunho de solidariedade e de profundo respeito pelas cinzas sacratíssimas que alguns pretendem profanar, sem possuírem a noção do valor e da personalidade de autora de tantas obras primas da nossa literatura.

Florbela não pode, não deve ser analisada à luz fria da rotina. Florbela é Florbela! Pessoal, única! Encarnação do Gênio – personificação da Beleza!

Florbela de Alma fugiu da vida prosaica e numa sede ilimitada de elevação, ascendeu a um mundo restritamente habitado pelo estro que a sublimou. A mulher, portanto, que a artista foi, não tem discussão possível, está na esfera transcendente da poesia e a poesia é o sublime, é o ponto máximo das maiores altitudes.

A poesia tem eleitos – Florbela foi uma Eleita! Curvem-se os seus detractores [sic] ante a grandeza e o talento da ilustre alentejana e não tenham a estultícia de estabelecer analogias impossíveis! (ALMEIDA, 1940, p. 1).

Florbela integrou sua arte a um ideal sonhado e que nunca atingido, pelo menos em vida, formando sua própria vida moral, da qual é fácil prever o desdém e a indiferença da sociedade que a cercava, sem compreender o alcance da mentalidade da poeta. Aliás, as críticas negativas acerca de Florbela refletiam o que se pensava no contexto em que ela viveu e/ou nas circunstâncias que atravessaram há quase um século, em meios provincianos. A liberdade tinha seu preço na sociedade portuguesa do início do século passado, nem Florbela, muito menos qualquer outra mulher que foi contra os princípios moralistas daquele tempo, deixou de sofrer com os tabus e os preconceitos relativos à condição feminina. O fato, por exemplo, de ter ingressado na Faculdade de Direito de Lisboa já constituía por si uma singularidade na época. Assim como a opinião pública burguesa deveria considerar excessivo uma mulher que possuía três casamentos, dois divórcios, amizades amorosas, rumores de fixação afetiva pelo próprio irmão e, por fim, que suicidou-se, era demasidamente escandaloso para uma sociedade patriarcal e religiosa como Portugal.

O próprio Ruy Guedes, o empresário português que encontrou as 200 poesias inéditas de Florbela Espanca, numa entrevista para o jornal *A Capital*, de Lisboa, publicado já na década de 1980, reforça ainda mais esses apontamentos e estereótipos pejorativos da vida e da obra de Florbela:

“HÁ PROVAS DO SEU SUICÍDIO”

Um soneto inédito revela o seu estado de espírito, aquando de um aborto que fez, fruto do seu segundo marido, por quem teve uma enorme paixão.

Por outro lado, um outro soneto inédito deita por terra teoria mais afoitas e boatos de que Florbela estava enamorada do irmão, Apeles.

Rui Guedes afirma que os dados encontrados permitem ainda provar o suicídio de Florbela Espanca, no dia 8 de Dezembro de 1930, no dia e mês em que também se havia casado pela primeira vez. Testemunhos escritos de pessoas da época, como a jornalista Aurora Jardim, que era sua amiga íntima, adiantam mesmo que Florbela se suicidou com comprimidos de Veronal. (ESPÓLIO, 1983, p. 11)

Depoimentos como a de Rui Guedes não só reforçou o mito em torno de Florbela, como revela a maquiavélica intenção dos sujeitos em deturpar, até na morte, a vida da poeta. Reflete o profundo abismo que separa o nosso mundo, do mundo em que Florbela Espanca viveu. Abismo de concepções, de anseios e de aspectos: abismo em que jamais vamos compreender a expressão do assombro vertiginoso de sua poesia. As dúvidas e as incertezas passam pela vastíssima escala das hipóteses que fervilham no imaginário dos sujeitos em saber a tal “verdade” acerca do suicídio. Florbela Espanca

mal fechou os olhos no eterno sono e já se conjecturavam várias interpretações para o bem e para o mal acerca da autora.

Não é desconhecido que a poesia de Florbela Espanca traduziu uma melancolia que atravessa todos os seus livros. A mesma tristeza que produziu Antero Quental, Antônio Nobre, Mário de Sá-Carneiro e outros mais, a tristeza que é um misto de inquietação e anseio, atingindo formas de um requinte escultural, em que há o esforço para alcançar não só a expressão de angústia, mas também a entonação de encanto. No entanto, é importante ressaltar o perigo quase sedutor de interpretar a vida de Florbela a partir da obra, despencando no anacronismo ou mesmo o “achismo” como se viu na citação acima. Indubitavelmente, a obra de Florbela Espanca está ligada ao contexto histórico e sentimental da poeta. Na literatura, a realidade e a ficção se tornaram dimensões que se misturavam, as quais não se pode tornar veracidade do que foi vivido no íntimo conflito da poeta.

Como a própria Natália Correia (prefácio, 1981) se refere à Florbela Espanca, Sacerdotisa do Eterno Feminino, a originalidade de sua obra é a mensagem que inscreve o princípio feminino. A dança mágica que representa os movimentos cíclicos da vida e da morte: a teatralidade de Florbela é a interpretação desse mistério que se perde na gesticulação dramática da poeta. Assim, o seu lirismo reside na autenticidade do conflito que é revelado, de modo que, por vezes, induz os leitores a confundir com o aspecto real da vida da autora, ecoando a mesma ressonância do trágico da obra na sua vida. Nesse sentido, os leitores imersos no mundo poético de Florbela procuravam e, ainda hoje procuram, sensações que explicassem a angústia vivida pela poeta, tentando a todo custo explicar o término da sua vida através da obra: ora admirando, ora desprezando com insinuações. A respeito dessas interpretações/críticas acerca da tristeza de Florbela Espanca, o poeta italiano Guido Battelli defende a autora com toda veemência em um estudo crítico, comparando Florbela com cânones da História da música e da literatura:

É o destino fatal de todos os grandes artistas, de todos os grandes poetas. Desde o instante em que brilhante os olhos a luz fulgurante dum mundo ideal, cheio de ternura e de beleza, tornam-se estrangeiros a este mundo, à vida dos homens vulgares, que vivem só para comer e amam para reproduzir-se. Disso deriva a sua infelicidade. O mundo não os compreende. Julga-os sonhadores fantásticos volúveis, e deixa-os morrer no abandono. Tassa e Beethoven morrem no hospital, Rembrandt e Camões não teem [sic] outro amparo na sua miséria além da caridade dum criada e dum servo; Cervantes finou se tão olvidado que ninguém sabe onde está a sua sepultura. São <<os vencidos da

vida>> destinados a triunfar depois da morte (ERMO, 1942, pp. 1–3).

Segundo Guido Battelli, a morte abriria as portas para dar possibilidade ao público de compreender as nuances das paisagens daqueles que foram desconsiderados e desconhecidos em vida. Dessa forma, a incompreensão da sensibilidade melancólica da poeta e, posteriormente, o cerne de todo o drama inscrito nas biografias acerca de Florbela daria rumor à tragédia de inadaptação da poeta aos convencionalismos de uma sociedade efêmera e calculista. Talvez, só a morte poderia ter dado a chance de ver a complexa personalidade de Florbela com outros olhos: retraída numa constante autodisciplina que jamais conseguiu se adaptar, o que gerou tal apatia inata que contrariava o domínio dos seus impulsos de inconformismo e de revolta.

E quando Florbela almejou o seu fim, reclinou-se à espera, permitindo que a morte entrasse e quebrasse o encanto da vida, apaziguando o eterno conflito da sua existência. Florbela Espanca morreu em 8 de dezembro de 1930, no mesmo dia em que celebraria seus 36 anos de idade. No entanto, para seus leitores e críticos literários, Florbela Espanca continuou a viver nos artigos e livros bibliográficos. Ao mesmo tempo que ela se (re)afirmava como autora/poeta, ela também se (re)construía a partir da imaginação do público. Foi preciso que a morte arrebatasse a vida da poeta prematuramente, em plena ascensão do talento, para que o seu valor poético brilhasse aos olhos da crítica.

Mas, antes que se tornasse a eterna “Musa do Alentejo” e célebre poeta portuguesa, Florbela Espanca foi revestida por várias representações: ora um símbolo e/ou uma ideia de revolta para imprensa e para o “ambiente não católico”, ora um símbolo de imoralidade para os princípios defendidos pela Igreja. Segundo as regras da moral cristã no início do século XX, acreditava-se que o ser humano dependia eminentemente da moral para existir e, portanto, a dignidade dos sujeitos se assentava sobre a moralidade e não sobre a arte como abismo do ser a qual Florbela, em grande medida, foi consagrada. Dessa forma, para a moralidade cristã, aqueles que acreditavam em Deus como uma ideia, viviam afogados num mar de medo e de vazio no mundo superficial. Assim, a arte agnóstica era uma inteligência emaranhada, sendo a arte para servir a Deus.

Assim, para além de “poeta pagã” que proferiu versos afrodisíacos sem qualquer relutância, acreditava-se que o excesso de seus sentimentos, não só na subordinação da vida ao prazer, mas na aceitação do lado trágico da vida, a levou ao pessimismo e, por

fim, ao suicídio, o mais grave pecado cometido contra Deus. Os autores criticavam que ora os versos de Florbela Espanca manifestavam a exaltação do seu ser (narcisismo), ora expressavam o pessimismo. Para José Augusto Alegria, Florbela fez dos seus versos a própria história sentimental, cujos conteúdos ideológicos de seus sonetos são dotados de uma sensibilidade refinada, no entanto, refletiam o espírito dominado pela dor física e imoral.

Claramente, para as críticas literárias como a de José Augusto Alegria, os poetas mergulhados em seus próprios abismos existenciais são frutos do excentricíssimo exagerado, que respondem às falsas educações do sentimento que, por sua vez, deu à Florbela a coragem de revelar ao mundo a intenção dos seus instintos nunca satisfeitos. Tudo se resume no egocentrismo que grita do fundo da alma do espírito. Segundo o autor, os versos de Florbela Espanca são a expressão dos seus atos e, se os seus atos são imorais, os seus versos também são imorais, pregam a infâmia. Nesse sentido, ele acreditava que ser sincero é ser verdadeiro e ser verdadeiro é adaptar-se à verdade de Deus. Segundo o autor, portanto, Florbela foi dotada de um talento excepcional, no entanto, não soube usar seus poderes contra as “revoltas violentas da carne”, aproveitando o sentimento artístico com que nasceu para exaltar aforisticamente seu espírito pagão. Florbela serviu, por assim dizer, exclusivamente, a lei do prazer e do sofrimento.

De certa forma, o autor atribuiu o suicídio de Florbela Espanca à ausência de fé cristã e devoção a Deus, referindo-se ao suicídio como um ato extremo de desespero, como consequência e solução para o niilista, citando o estudo da Analítica Existencial do filósofo alemão Martin Heidegger, que mergulhou profundamente no mundo contemporâneo para entender o sujeito a partir da descrição fenomenológica do ser humano, cujas estruturas ontológicas são consideradas como condições para manifestação de fenômenos específicos como, por exemplo, o suicídio.

Nesse sentido, a crítica literária contextualizada na Ditadura de Salazar julgava que a poesia de Florbela transbordava uma verdade mórbida imoral, que não era digna de ser consagrada como patrimônio que merecesse homenagem e/ou o busto em um jardim público de Évora, cidade cujo alicerce é fincado na tradição, na moralidade e na religiosidade cristã. Assim, por muito tempo, apesar da poesia de Florbela Espanca ser considerada de uma sensibilidade predominantemente artística, uma “dádiva” que Deus lhe confiou, acreditava-se que ela não soube usufruir ou valorizar para o “bem” comum.

Nesse perspectiva, acreditava-se que sua sensibilidade foi mal empregada em

jogos de palavras “vazias”; sua poesia representava “um pecado de rebeldia imoral a repelir, da mesma maneira a sua vibração é eco saído de profundidades e abismos onde não penetrou a lei moral que foi imposta à consciência de todo homem” (ALEGRIA, 1955, p.131). Na visão de José Augusto Alegria, Florbela não fez nada que merecesse um lugar de memória na história, pois não foi um exemplo a ser seguido, não abriu caminhos aos poetas, não foi condutora de ideias novas e/ou grandes mensagens ao mundo, muito menos foi expressão regionalista do Alentejo.

Apesar de todas críticas a vida e a obra de Florbela Espanca após seu suicídio, Andréa Crabbé Rocha¹¹, que foi ensaísta e professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, escreveu um artigo intitulado “À procura de Florbela” (ROCHA, 1981, p. 2-3), no qual analisa uma pequena lista de mulheres-poetas em Portugal no início de século passado. De modo geral, encontram-se algumas produções que ganharam popularidade sem que nenhuma delas, no entanto, conseguisse sobressair. Só na segunda metade do século XX que assistiu a emergência do maior número de mulheres-poetas em Portugal. Apesar de poucas autoras no início do século passado, destacam-se nomes como Marta Mesquita, Virgínia Vitorino, Branca de Gonta Colaço que, apesar de terem produzido com assiduidade e serem reconhecidas pela sociedade contemporânea à Florbela Espanca, não tiveram a mesma visibilidade de Florbela mesmo tardiamente e, por isso, foi considerada precursora pela escritora e crítica Andréa Rocha. Por alguma razão, as poetisas citadas acima foram praticamente esquecidas, enquanto a obra de Florbela Espanca resiste ao tempo e, até mesmo, suscita um renovado interesse.

Segundo Andréa Rocha, na década de 1920 a 1930, Florbela foi a única mulher a possuir um impulso criador que pouco tem a ver com a sua condição feminina, pois tem uma envergadura e uma audácia que não cabia aos modelos femininos da época. Com efeito, algumas de suas insatisfações eram expressadas em sofrimento. Por outro lado, esses desalentos íntimos, exacerbados por uma sensibilidade e por uma lúcida consciência, transformam-se em poesia e é essa poesia que liberta Florbela do arquétipo feminino daquela época.

As mulheres seguiam regras e hábitos impostos pelo Estado, tinham que manter uma imagem e administrar sua casa de acordo com os princípios da moral cristã. A religião, a família e o casamento, portanto, eram os maiores alicerces da moralidade de Portugal. A mulher que não seguia esse padrão e/ou modelo determinado pela ação de propaganda nacional em defesa da família era malvista e marginalizada na sociedade.

Não é por acaso que até após sua morte, Florbela foi acusada de subversão aos bons costumes da família. Ela continuou a ser desqualificada não só pela instituição católica devido às crenças cristãs contra o suicídio, como por autores ligados à extrema direita, que não cessavam de trazer ao público conclusões maldosas em relação a sua vida privada, fazendo-lhe críticas morais, difamando a sua imagem devido seus impulsos e comportamentos libertadores.

Em uma ditadura como foi o salazarismo, que era repressivo e limitava os direitos das mulheres, Florbela foi o antímodo da concepção de mulher, foi uma mulher que se dedicou às letras ao invés de cuidar do matrimônio e do seu marido, que se apaixonou loucamente e se entregou várias vezes ao amor e, por fim, suicidou-se. Florbela foi uma mulher polêmica que causou várias controvérsias na sociedade, quebrou barreiras, rompeu fronteiras, sua vida privada foi composta por vários escândalos que não me cabe julgar. Foi uma mulher que se permitiu sentir, que supostamente errou e foi julgada por isso, carregando consigo um fardo ao longo de sua vida pelos seus atos encorajadores. Florbela foi uma mulher que guardava em seu riso e em suas palavras um mundo a conquistar, um olhar para o futuro tristonho e malfadado de seus sonhos malogrados.

Por fim, os críticos literários, que não são poetas, mas leitores admiradores da obra de Florbela Espanca e, por conseguinte, criadores de mitos em torno da poeta, tornam esse trabalho uma importante forma de desconstruir os mitos em torno da poeta, ou melhor, do que nos dizem dos seus versos. E na fria distância que nos separa dela, dar à sua natureza intocável — como desejou os seus admiradores, amigos ou amantes — um pouco de sensibilidade e compreensão à vida e à obra da poeta contextualizada na realidade que viveu.

Referências

A. F. Fundou-se em Vila Viçosa a Casa-Museu de Florbela Espanca que será inaugurada ainda este ano. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 8 out. 1964.

ALEGRIA, José Augusto. *A poetisa Florbela Espanca: o processo de uma causa*. Évora: Centro de Estudos "D. Manuel Mendes da Conceição Santos", 1955.

ALMEIDA, Hortense Pereira de. Florbela Espanca. *Democracia do Sul*: Évora, 20 mar. 1940.

ARANHA, Aurora Jardim. Florbela Espanca. *Modas e Bordados: vida feminina*, Lisboa, 7 jan. 1931.

A VIDA, o talento e as tendências Mórvidas de Florbela Espanca II. *O Globo*, Lisboa, 15 mar. 1983.

BESSA-LUÍS, Agustina. *Florbela Espanca: Vida e Obra*. [S.I]: Arcádia, [19??].

BRANDÃO, José. *Suicídios famosos em Portugal*. Lisboa: Europress, 2007.

CATROGA, Fernando. *O Republicanismo em Portugal: da formação ao 5 de outubro de 1910*. 3 ed. Coimbra: Casa das Letras, 2010.

_____; MENDES, José Amado; TORGAL, Luís Reis. *História da história em Portugal: século XIX – XX*. Vol. II. Lisboa: Temas e Debates. 1998.

_____. *O Republicanismo Português: cultura, história e política*. Revista Faculdade de Letras. Porto: II Série, vol. 11. 2010. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9008.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

_____. *Salazar e a ditadura como regime*. Disponível em: <<<https://core.ac.uk/download/pdf/39122720.pdf>>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

DOSSE, François. *A História*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DOSSIÊ: Últimos momentos. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 23 a 29 jul. 1985.

ERMO, Mário. Mulheres de ontem: Florbela Espanca. *Diário de Luanda: (S.L)* 28 ago. 1942.

ESPÓLIO de Florbela Espanca revela: duzentos poemas inéditos e manuscritos de sonetos. *A Capital*: Lisboa, 20 jul. 1983.

ESPANCA, Florbela. *Charneca em Flor*. In Memoriam de Guido Battelli. Coimbra: Livraria Gonçalves, 1931.

_____. *Diário do Último ano. Portugal*. Prefácio de Natália Correia. Livraria Bertrand, 1981.

_____. *As Mágoas do Destino*. São Paulo Martin Claret. 2009.

_____. *O Dominó Preto*. São Paulo Martin Claret, 2010.

_____. *Trocando Olhares*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. *Sonetos*. Prefácio de José Régio. 29ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FARIAS, Priscilla Freitas de. *“Princesa encantada da quimera”*: o saudosismo intempestivo de Florbela Espanca (1894 – 1930). Monografia. Natal/RN: UFRN, 2012.

_____. *Terra de Charneca Erma e da Saudade: a construção simbólica do Alentejo na obra de Florbela Espanca (1894-1930)*. Dissertação. Natal/RN: UFRN, 2015.

GRASHOFF, Udo. *Vou-me embora: cartas de suicidas*. Lisboa: Quetzal Editores, 2016.

GUEDES, Rui. *Florbela Espanca: fotobiografia*. Rio de Janeiro: Livraria Paisagem, 1985.

MATTOSO, José; RAMOS, Rui. *História de Portugal: a segunda fundação*. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.

MINOIS, Georges. *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

MOUTINHO, Viale. *Uma carta inédita de Florbela Espanca... E alguns reparos às <<Cartas>>*. Caderno Cultura. 20 abr. 1986.

NIETZSCHE, Friedrich. *O niilismo Europeu*. In: A vontade de poder. Rio de Janeiro: Contraponto de Poder, 2008.

_____. *Considerações Intempestivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

OLIVEIRA, Flório F. . Em que dia morreu Florbela Espanca?. *Noticias d'Evora*, Évora, 10 jan. 1951.

OSÓRIO, Ana de Castro. *As mulheres portuguesas*. Lisboa: Editora Viúva Tavares Cardoso, 1905. Disponível em: < <http://purl.pt/13902/2/>>. Acessado em: 25 jul. 2019.

ROCHA, Andrée. À procura de Florbela. *Jornal de letras, artes e ideias*, Lisboa, 5 a 18 dez. 1981.

SENA, Jorge de. *Florbela Espanca ou a expressão do feminino na poesia portuguesa*. Porto: Biblioteca Fenianos, 1947.

SILVA, Maria Regina Tavares da. *Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX*. Análise social, Coimbra: vol. XIX, 1983. Disponível em: < <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223465449P2eYY6he7Ah47BN7.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

SOUZA, Natália Salomé de; BERTGES, Livia Ribeiro Bertges; PEREIRA, Vinícius Carvalho. *Maria Teresa Horta: escrita feminina na poesia de um corpo liberto*. Disponível em: [file:///C:/Users/Priscila/Downloads/6302-17838-2-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Priscila/Downloads/6302-17838-2-PB%20(2).pdf). Acesso em: 25 jul. 2019.

TORGAL, Luís Reis. *Estados Novos, Estado Novo: ensaios de história política e cultura*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

VIGARELLO, Georges. *O sentimento de si: história da percepção do corpo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

¹ Guido Battelli foi professor italiano de Literatura, Guido Battelli, que conheceu Florbela no período que foi convidado para ministrar uma disciplina de História da Literatura Italiana no departamento de Letras da Universidade de Coimbra e tornou-se amigo de Florbela, trocando cartas até os últimos dias de vida da

poeta. Ele não só organizou o *Charneca em Flor*, mas apresentou a poeta ao mundo publicando vários livros de poesias e de contos seguidos de críticas literárias, entre eles: um conjunto de poesias inéditas a que deu o nome de *Juvenília* (1931), precedido de um estudo crítico. Depois saiu uma segunda edição de *Charneca em Flor*, com outro livro como apêndice, organizado por Battelli, que intitulou *Reliquiae* (1931), um conjunto composto de sonetos isolados encontrados pelo professor depois da morte da poeta, que não foi preparado para publicação pela autora.

² Estado Novo, também chamado de salazarismo, em referência a Antônio de Oliveira Salazar, o seu fundador e líder, foi o regime político autoritário, autocrata e corporativista de Estado que vigou em Portugal durante 41 anos ininterruptos desde a aprovação da Constituição de 1933 até ao seu derrube pela Revolução de 25 de Abril de 1974.

³ António Nobre (1867 – 1900) foi poeta português cuja obra se insere não só na corrente ultrarromântica, mas nas correntes simbolistas e saudosista do fim do século XIX. Sua principal obra foi *Só* (1892), marcada pela lamentação, nostalgia e subjetivismo. (Disponível em: << https://www.ebiografia.com/antonio_nobre/ >>).

⁴ Mario de Sá-Carneiro (nasceu em 1890 e suicidou em 1916) foi poeta, contista e ficcionista português, aderiu ao movimento modernista em Portugal, membro da Geração d'Orpheu. (Disponível em: << https://www.ebiografia.com/mario_de_sa_carneiro/ >>).

⁵ Antero de Quental (1842-1891) foi escritor e poeta português que teve um papel importante no movimento da Geração de 70, não só foi um dos fundadores do *Partido Socialista Português*, assim como foi um dos fundadores do jornal *A Republica*. (Disponível em: << https://www.ebiografia.com/antero_quental/ >>).

⁶ Mário Beirão (1890 – 1965) foi um poeta português, grande saudosista do seu tempo. Apoiante do Estado Novo salazarista, foi o autor do Hino da Mocidade Portuguesa. (Disponível: << https://www.ebiografia.com/mario_quintana/ >>).

⁷ Américo Durão (1896-1969) foi um poeta e escritor português, licenciou-se em Direito na Faculdade de Lisboa, onde conheceu e se tornou amigo de Florbela Espanca e Mário Beirão. (Disponível em: << https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rico_Dur%C3%A3o >>).

⁸ Teixeira de Pascoaes (1877-1952) foi poeta e escritor português, principal representante do Saudosismo, um dos fundadores da revista “A Águia”, precursores do movimento da Renascença Portuguesa. (Disponível em: << https://pt.wikipedia.org/wiki/Teixeira_de_Pascoaes >>).

⁹ Carta de Florbela Espanca enviada ao professor Guido Battelli datada de 5 de julho de 1930.

¹⁰ O Romance de Florbela Espanca - Celestino Davis, obra considerada pela crítica como umas das mais bem elaboradas biografias da poeta.

¹¹ André Rocha nasceu em Coimbra em 1917 e morreu em 2003. Licenciou-se na Faculdade de Filosofia e de Letras em Bruxelas e doutorou-se e filologia romântica na Universidade de Lisboa em 1944, com a tese intitulada *O Teatro de Garrette*. Disponível em: << https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Crabb%C3%A9_Rocha >>. Acesso em: 24 jul. 2019.

Artigo recebido em 22 de outubro de 2020.
Aceito para publicação em 26 de fevereiro de 2021.